

2) "Quem é o homem que quer a vida?"

Colocando a pergunta desta forma: "Quem é o homem que quer a vida e deseja ver dias felizes?" (Prol. 15; Sl 33,13), Bento dá, ao mesmo tempo, a sua resposta, uma resposta que é uma definição do homem, da natureza do homem. O homem é a criatura "que quer a vida e deseja ver dias felizes."

Mas esta resposta é exatamente uma resposta que exprime um desejo. O homem não é tanto a criatura que vive e é feliz. O homem é a criatura que quer a vida e deseja ver dias felizes. O homem está contido em seu desejo de vida e de alegria, é um ser "a completar", um ser a caminho de um fim que o ultrapassa, que não está já nele, que não é ele. Nas pegadas dos Padres da Igreja, Bento é convencido pela sua própria experiência, que o homem é homem, se caminha para a plenitude de sua humanidade; que o homem está vivo, se deseja a vida; que o homem é feliz se deseja a alegria.

E é a própria humanidade do homem que produz este desejo, que revitaliza constantemente esta sede de vida e de alegria. O desejo de vida e alegria, o desejo da vida boa está inscrita na nossa humanidade. Se sonhamos e procuramos ser criaturas que podem possuir a vida e alegria além, fora ou acima da nossa humanidade, da nossa condição humana, o resultado seria que passamos ao lado da vida boa.

Uma das características mais importantes da Regra é aquela de nos ajudar a trabalhar realmente na nossa humanidade, com a nossa humanidade como fonte de desejo de vida e de felicidade. O laboratório da *convertatio* beneditina, da vida de conversão segundo São Bento, antes do mosteiro, é a nossa humanidade, nossa condição humana ao mesmo tempo universal e pessoal. E se o mosteiro é um laboratório, será na medida em que se trabalha sobre a matéria da nossa condição e vocação humanas.

É, no fundo, o método de Jesus, o que Ele aplica em todo o Evangelho. Não se encontra realmente Jesus sem encontrar a nossa vocação humana, e, muitas vezes, Jesus deve reenviar seus interlocutores às suas humanidades, para que possam depois voltar a Ele realmente disponíveis, abertos à vida e à alegria que Ele veio nos trazer. "Vai chamar teu marido e depois volta aqui", disse Jesus à Samaritana (Jo 4,16). Ela já tinha começado a fazer discursos espirituais. Não, é inútil. É mais urgente que ela encontre Jesus trazendo-lhe sua condição humana, sem nenhuma tentativa de esconder a sua situação concreta, mesmo desordenada. Vai chamar teu marido, chama teu homem, o homem que está em ti, o ser humano que tu és. E verás que há exigências muito mais profundas e urgentes, do que tuas questões sobre Judeus e Samaritanos.

Também todas as parábolas, se as se lê atentamente, reenviam os interlocutores de Jesus às suas humanidades, as suas humanidades terra terra, aos seus corações. Jesus, muitas vezes, começa suas parábolas, dizendo: O reino de Deus é comparado a um homem, uma mulher, que faz isso e aquilo, como tantos homens e tantas mulheres que vivem e morrem nesta terra, como o homem que somos. A nossa humanidade é o campo onde quer germinar a semente do Reino, a palavra do Evangelho. Por isso, no fundo, Bento não fez nada a não ser oferecer-

nos um caminho, no qual toda a nossa humanidade, misteriosa e pobre, possa emergir e manter-se humildemente a disposição do Senhor que quer fecundá-la de sua vida e de sua alegria.

Quem é o homem de acordo com S. Bento? No fundo, se devia começar por dizer que Bento não tem uma *sua* resposta a tal pergunta. Para ele, como para todos aqueles que se colocam com lealdade esta questão, o homem é um mistério por si mesmo, o que significa que o homem não pode definir-se ao interno de sua humanidade, inteligência, sentimentos e experiências que vive; como sublinhei, a constatação mais realista é de reconhecer que o homem é um ser de desejo, desejo de vida e felicidade, e isto já nos reenvia à resposta sobre a pergunta sobre o homem além do homem.

Este sentido do mistério do homem, este sentido que o homem é um mistério por si mesmo, não está fora da nossa humanidade, mas constitui o coração. O homem é homem porque não resolve por si só o mistério da sua existência e não pode responder sozinho a pergunta que tem dentro de si: "Quem sou eu?". O próprio fato que esta questão esteja dentro dele já é um mistério. Porque um ser que existe deveria colocar-se a questão do porquê existe? Não pode contentar-se de existir? Ou pelo menos contentar-se de constatar que existe?

O problema é que o homem não existe sempre. Nasce e, sobretudo morre, e isso já complica consideravelmente as coisas; mas a questão sobre o sentido da nossa existência não está dentro de nós, somente pelo mistério da nossa origem e do nosso fim. Esta está sempre dentro de nós, nos acompanha sempre, em cada experiência, em cada circunstância da vida. Nosso coração é uma constante questão do sentido, se coloca incessantemente a questão do porquê da nossa existência. O mistério de nossa origem e nosso fim não permanece confinado entre as duas extremidades de nossas vidas: nos penetra, penetra toda a vida, cada instante de nossa existência consciente.

São Bento não era um filósofo, e no fundo, nem mesmo um teólogo, mas era um homem, e um homem que tinha um sentido muito forte e aguçado da sua humanidade, e portanto, do mistério da sua vida; da sua regra, como já salientei, emana este senso aguçado da humanidade. É palpável em todos os detalhes da vida no mosteiro do qual fala, mas se manifesta também em modo explícito onde São Bento lembra a todos os monges que o homem é um mistério e deve ser tratado como tal.

Ora, o que significa tratar o homem como um mistério? Quer dizer lembrar-se que aquilo que explica o homem, aquilo que lhe dá um sentido, que lhe confere o seu valor, é maior do que ele, é antes dele, é além dele, é mais alto e mais profundo dele. No entanto, está *nele*: indissociavelmente unido à sua pessoa, à sua humanidade.

A primeira consequência desta consciência do mistério do homem está então no sentido da sua dignidade, sempre maior daquilo que é ou não é, daquilo que faz ou deixa de fazer, daquilo que tem ou não tem. É o quanto exprime São Bento utilizando frequentemente o verbo "honrar". Embora muitas vezes ouvimos sobre isso, é sempre bom repensar, de maneira especial, no nosso desejo de colher o sentido do homem segundo S. Bento.